

*Em novembro de 1961, uma procelária da costa de Gales foi encontrada perto da Austrália. Como foi parar lá? Famoso naturalista reconstitui a provável sequência de eventos e recorda-nos que as conquistas espaciais do homem são apenas ecos das maravilhosas harmonias da Natureza*



# A Procelária Que Perdeu o Rumo

R. M. LOCKLEY

**E**RA UM PÁRIA na maior confusão. Embora os pássaros em meio aos quais se encontrava fossem da mesma tribo, o forte sotaque australiano deles era-lhe completamente estranho. Do tamanho de um pombo, cerca de 30 centímetros da cauda ao bico, preto em cima, branco em baixo,

as asas estreitas abrindo-se uns 90 centímetros, ele era uma procelária nascida em Skokholm, uma ilha de 100 hectares ao largo da costa de Gales. As aves com quem viajava eram da Tasmânia, procelárias criadas no Estreito de Bass.

Chamaremos Puffinus ao nosso herói, porque o primeiro naturalista

a descrever a procelária encontrou um filhote penugento numa cova na Ilha de Man, em 1662, e, pensando tratar-se de uma espécie de pinguim («puffin», em inglês), chamou-o *Puffinus anglorum*. Cerca de 200 anos mais tarde, quem primeiro descreveu a procelária da Tasmânia chamou-a *Puffinus tenuirostris*, «procelária de bico delicado». O fato de o nosso Puffinus, uma procelária do hemisfério norte, estar misturado com suas primas do Estreito de Bass, deveu-se a uma experiência de cientistas curiosos diante dos extraordinários feitos de navegação das aves oceânicas. Esta é a sua história.

Certo dia, no começo de maio, a mãe de Puffinus botou um ovo grande e branco numa toca de coelho abandonada, forrada de capim. Impaciente, ficou esperando a chegada do seu companheiro, que andava no mar em busca de alimento. Pouco antes da meia-noite, lá veio ele do céu, soltando gritos estridentes, localizando a toca por meio de um padrão familiar de ecos que os acidentes terrestres devolviam aos seus ouvidos supersensíveis. Momentos depois ele entrava na toca aos pulinhos, sendo recebido por um alegre cacarejar congratulatório.

O amor das procelárias é uma voz na penumbra, um carinho e o acasalamento num ninho quentinho. Os casais só têm intimidades à noite, e quase sempre na toca completamente às escuras. Jamais chegam a ver-se claramente, mas, ano após

ano, macho e fêmea permanecem fiéis à mesma toca, e, portanto, um ao outro. Puffinus ouviu pela primeira vez as ternuras murmuradas de seus pais quando, depois de 52 dias de incubação em turnos, os dois adultos revezando-se a cada poucos dias, ele partiu o ovo usando o bico, equipado com uma ponta especial para esse fim, e gemeu baixinho, mostrando que seus pulmões funcionavam. Ao fim de cinco semanas, parecia uma esponja de pó de arroz; mais quatro, e ele estava muito mais gordo e pesado que seus pais, fisicamente exaustos, suas plumagens desbotadas e amarfanhadas. Sem esperar por Puffinus, eles partiram na sua longa migração através do equador, em busca do Atlântico Sul, onde mudariam as penas e fariam ninho. Puffinus nem poderia tê-los acompanhado. Estava gordo demais para voar.

Já coberto de penas, Puffinus passou dois dias e duas noites na toca, perdendo peso o tempo todo, submetido a um jejum involuntário. Mas ainda dispunha de uma boa reserva de gordura quando, à meia-noite, arrastando-se até à entrada da toca, emergiu pela primeira vez.

Ah! Finalmente podia exercitar suas asas doloridas. Bateu-as vigorosamente, retesando os músculos inexperientes, que, no devido tempo, o levariam, através de imensas distâncias, para o outro lado do mar. Essa vigília da meia-noite prolongou-se por oito ou nove noites consecutivas, de cada vez um pouquinho mais demorada, Puffinus



*Rota migratória das procelárias*

perdendo a gordura de bebê e ganhando mais forças nas suas longas asas de planador.

Nessas breves excursões noturnas, ele aprendeu muito mais do que imaginaria um observador descuidado. Puffinus estava tendo aulas de astronomia todas as noites. Ficava olhando o desenho das estrelas eternamente girando à volta da luminosa e fixa Estrela Polar e alimentava o computador da sua memória com essas imagens em movimento do céu da meia-noite, comparando-as com cartas celestes idênticas herdadas de uma longa linhagem de ancestrais que haviam começado suas migrações sob a Estrela Polar.

O desenho conferia com a cópia herdada, informando-o de que se

encontrava a 52° de latitude norte. Poderia estar, portanto, em Skokholm, Labrador ou nas Ilhas Aleútas, todas mais ou menos no mesmo paralelo. A fim de encontrar a sua longitude, Puffinus necessitaria de um cronômetro preciso. Acredito que ele já nascera com um relógio biológico.

Imaginemos o nosso Puffinus, então, examinando a Estrela Polar a cada meia-noite, decorando os cursos giratórios das demais estrelas importantes, reimprimindo a informação genética que já possuía. Ele sabia que, em agosto, à meia-noite, hora local, o quadro sobre Sko-

kholm era só aquele, e apenas se repetiria, em tempo e lugar, daí a um ano. A navegação astronômica baseia-se nesse fato.

Na 72.<sup>a</sup> noite da sua existência, Puffinus não regressou à toca. Um vento forte ajudou-o a flutuar em queda, batendo as asas, desajeitado, sobre os rochedos vermelhos, até mergulhar no mar. Ninguém lhe ensinara a nadar, mas, as asas ainda fracas, ele foi remando vigorosamente até ao mar alto. Em poucos dias aprendeu a pegar peixinhos pequenos, e logo as brisas de outono ajudavam-no a alçar vôo.

Enquanto rumava para o sul, a Estrela Polar desaparecia no horizonte, e eram outras as estrelas que surgiam no céu. Durante o dia — Puffinus trocava o outono do

Norte pela primavera do Sul — modificava-se o ângulo do arco descrito pelo Sol na direção do horizonte, que lhe fornecia a longitude tempo. Com o seu maravilhoso computador calculando a partir daquelas misteriosas cartas celestes herdadas, ele deslizava sem hesitar sobre um mar sempre igual.

Em fins de outubro, viu erguerem-se pela primeira vez as estrelas do Cruzeiro do Sul. Quando chegou novembro, ele se encontrava muito ao sul do Rio da Prata. Continuava um solitário, entre milhares de indivíduos solitários que formam os bandos hibernais de aves oceânicas.

No fim de janeiro, quando os pássaros sexualmente maduros tomaram o rumo norte, Puffinus não os acompanhou. Seus instintos de acasalamento permaneceriam adormecidos os primeiros dois anos. Em vez disso, com outras jovens procelárias, sua vida livre e sem preocupações sexuais era gasta vagabundeando em círculos no sentido dos ponteiros do relógio à volta do Oceano Atlântico.

No seu terceiro verão, Puffinus encontrou-se no meio de um imenso bando de adultos, ao largo da praia perto de Skokholm, o Sol nascendo, louco para arranjar uma fêmea simpática com quem conversar. No quarto verão, ele começou a escavar uma toca de coelho, a alguns metros da toca onde nascera, e foi aí que ela o descobriu. Era suave, tímida, virgem como ele, e tinha quatro anos.

Antes de o verão acabar, estavam namorando firme, encontrando-se quase todas as noites para longas e ternas conversas. Puffinus acabou a toca, e ela ajudou a cavar um nicho no fundo, cobrindo-o com algumas folhas esmaecidas. Ficariam os dois ali, trocando carinhos na escuridão quentinha.

Acasalaram-se no quinto verão. Logo em seguida, ela voou às pressas para a Baía de Biscaia, onde se encheu de sardinhas que enriqueceriam o ovo em desenvolvimento. Três semanas depois, na noite do seu regresso, ela botou o ovo. Puffinus estava ao seu lado, e imediatamente assumiu o primeiro turno de seis dias de incubação. Estava completo o ciclo — cinco anos haviam decorrido do nascimento ao primeiro ovo.

Aqui entram os cientistas de que falamos no começo. Eles haviam decidido realizar alguns testes de deslocamento fora das rotas normais das procelárias. Puffinus foi um dos três pássaros de Skokholm, todos com toca, fêmea e ovo para atraí-los de volta, despachados por avião para Boston, no Estado de Massachusetts, a 4.900 quilômetros.

Soltos separadamente em Boston, os três rumaram para leste, em direção ao Atlântico, numa linha reta para Skokholm. Um foi recapturado doze dias e meio depois, outro passados 14 dias. Puffinus não teve sorte. Embora não seja possível saber exatamente o que lhe aconteceu, podemos, no entanto, fazer algumas conjecturas.

Imaginemos que ele tenha sido surpreendido, certa noite, em densa neblina. Sem poder navegar, adormeceu à espera de céu limpo. Um cargueiro se arrastando apareceu da escuridão, e Puffinus lançou-se ao ar em direção às luzes traiçoeiras, bateu no navio e caiu desmaiado no convés. Foi recolhido na manhã seguinte por um marinheiro que tinha o hábito de pegar pássaros e borboletas que apareciam a bordo, cuidar deles e vendê-los em terra.

O navio ia para Sidney. Ao passar pelo Estreito de Bass, numa luminosa manhã de maio, avistando um bando imenso de procelárias sulinas, num impulso repentino o marinheiro soltou Puffinus, que se juntou à nuvem de aves parecidas com ele. A cor era diferente, todas inteiramente marrons, sem o peito branco de Puffinus; mas, de resto, eram idênticas, até no tamanho.

Rumavam para norte, e Puffinus acompanhou-as instintivamente. Na sua confusão, a presença delas era um conforto, mas o que levava Puffinus para norte, mesmo, era sua vontade de ir para casa. Continuando para norte, porém, com o bando de procelárias, a cada dia Puffinus lembrava-se menos da companhia, do ovo e da toca em Skokholm. Acabou entrando no ritmo da migração.

Fortes ventos de oeste arrastaram-nos para além da Nova Zelândia, ventos cruzados de sudoeste sopraram-nos através do Mar de Coral. Cruzando com dificuldade sobre as calmas e azuis águas equa-

toriais, acabaram dando com ventos cruzados de nordeste que os levaram, através da Micronésia, até à costa do Japão, de onde uma forte corrente de sudoeste os empurrou irresistivelmente em direção ao longo e nevoento grupo de ilhas das Aleútas. A latitude era 52° N. Skokholm ficava sob as mesmas estrelas... mas a 180° de distância através do Pólo Norte.

Inquieto, Puffinus buscava o caminho de casa. Por toda a parte as montanhas do Alasca — ou as da Sibéria, para oeste — erguiam-se na distância. As procelárias jamais cruzam por terras em suas migrações.

Finalmente, seguindo rebanhos de morsas e cardumes de baleias brancas, Puffinus abriu caminho através do Estreito de Bering coberto de icebergs e atingiu o Oceano Ártico. Seria capaz o maravilhoso mecanismo de navegação do seu cérebro de dizer-lhe agora que, se voasse numa linha reta para norte, ao longo de 180° de longitude, esse era o caminho mais curto para Skokholm?

Puffinus tocou para norte até ter o seu caminho bloqueado pelas avassaladoras massas de gelo que refletiam o sol da meia-noite. Frustrado, ficou bordejando a geleira, perdido na barreira nunca vista. Já não podia adiar a muda anual, que começa cedo nos adultos que não chocam seus filhotes. As penas amolecendo, amolecia também sua vontade de voltar para casa. No lugar disso, começava a fase seguinte do ciclo anual — o desejo de voar

para sul. Quando deparou, então, com um pequeno bando de procelárias, juntou-se a ele e saiu através do Mar de Bering.

Foram deslizando para leste e para sul, até atingirem a costa da Califórnia; daí, uma longa diagonal de volta ao Mar de Coral e o Nordeste da Austrália. Puffinus ficou com o bando, mas, na realidade, estava perdido, permanentemente apanhado nesse vasto e desconhecido oceano. Jamais tornaria a ver sua companheira, ou qualquer procelária da sua espécie. Para o seu computador, era demais ser alimentado com memórias visuais do Cruzeiro do Sul, do Grande Cão, no Pacífico Sul, fora de sincronismo com o seu cronômetro ligado nas longitudes do Atlântico.

Puffinus encontraria no Pacífico outras procelárias ainda mais parecidas com ele que as aves marrons da Tasmânia com as quais vivera. Mas da sua espécie mesmo não encontraria nenhuma. À noite, no Estreito de Bass, escutava os gritos selvagens das procelárias que nas ilhotas começavam sua reprodução precisamente programada. Tudo tão parecido, mas com seis meses de diferença no tempo e a meio mundo de distância de Skokholm.

Enfraquecido pela muda, e como tantas criaturas selvagens perdidas, que já não têm posição ou participação numa comunidade, Puffinus

encontrava-se em baixa forma física e mental. Estava morto quando o apanharam na praia, trazido por uma onda.

A primeira e única procelária dessa espécie jamais recuperada na Austrália trazia na perna um anel dando-a como nascida em Skokholm, no País de Gales. Cientistas ficaram espantados com a aparente migração. Mas, quando li as anotações, vi logo que não poderia tratar-se de uma migração autêntica. De qualquer forma, há motivos bastantes para que nos espantemos com a maravilhosa harmonia desses migrantes em relação à terra, ao mar, ao Sol e às estrelas. Há milênios que as procelárias fazem suas fantásticas viagens, enquanto o primeiro vôo transoceânico solitário do homem ocorreu há menos de 50 anos. Mesmo as nossas técnicas de navegação espacial não são mais sofisticadas: o cérebro da procelária, eletronicamente operado e geneticamente alimentado, compara-se ao computador programado que dirige e guia as naves lunares. Ambos funcionam eficientemente dentro de certos limites de tempo e posicionamento. Assim, 19.000 quilômetros longe da sua rota, por interferência do homem no seu ciclo vital perfeitamente afinado, Puffinus era como uma nave perdida... girando sem parar num universo nebuloso.



EM POLÍTICA, o pior que se pode ter é uma boa memória. Neste campo, um homem com futuro nunca se lembra do passado.

— André Frossard, em *Le Figaro*, Paris